religião que preze a Beleza e o Amor:

Meu amor, meu amor, meu desamor! Deixa-me beijar-te na boca fria a boca quente, imortal agora. / ..... / Não houvese ainda Olimpo para ti, e o meu amor / Inventar-te-ia um, onde deus único havias de mostrar-te / E eu teu único adorador, feliz em ser / Teu único adorador, infinidade fora.

E mais adiante:

E aqui, memória ou estátua, ficaremos, / Ainda um mesmo, como quando estávamos de mãos dadas / E não sentia um a mão do outro, para sentir o sentir. / ..... / E, se a nossa própria memória se desfizesse em pó, / Por qualquer raça de deuses do fim dos tempos / Seria de novo erguida a nossa dupla unidade.

São, enfim, 361 versos eróticos para o leitor saborear uma um e, se quiser, aplicar ao seu caso.

Só uma palavra, um voto, em atenção aos amantes de obscenidades: se o obsceno é por definição o que não pode ser mostrado, as coisas interditas, «things not to be said», a verdade é que o poema de Pessoa, dizendo muito, deixa ainda muito por dizer. Sendo um texto profundamente erótico, nada tem do obsceno convencional. Oxalá o leitor veja por trás do que se diz o não-dito. E faça com o que descobrir o poema da sua obsessão. Antínoo terá sido apenas um (bom) pretexto.

As traduções

Essa mesma doutrina se pode aplicar às traduções. As citações aqui apresentadas são da recente versão de Luís Nogueira. É uma tradução quase sempre prosaica, não tem a pretensão de atingir um tom pessoano, ao contrário da tradução de Jorge de Sena que, apesar dessa pretensão, só atinge, as mais das vezes, o tom... do próprio Jorge de Sena. No caso dos dois primeiros versos citados, por exemplo, que traduzem **Memory of what he was gave no delight, / Delight at what he was was dead and dim,** a versão de Sena é de facto mais elaborada: **Memória do que el'foi não dava já deleite, / Deleite no que el'foi era morto e indistinto.** Mas, para um leitor actual, é menos eficaz. A insistência de Sena em usar **ora** em vez de **agora,** o verbo **ser** no lugar do verbo estar, os particípios na forma erudita (**invisos,** por exemplo, no último verso do poema), nada disso contribui para mover o interesse do leitor, hoje.

Isto não significa que a tradução de Luís Nogueira não tenha defeitos. E o principal é o ser menos sintética do que o original. Mas não repele tanto o leitor como acontece com o classicismo de Sena.

Repare-se no penúltimo verso da quarta estrofe, acima citada: **Ó dedos hábeis em certas coisas** (em inglês **O fingers skilled in things not to be told!**) É evidente que a tradução de L. Nogueira não é satisfatória. Mas que dizer da versão de Sena: **Ó dedos hábeis no de não ser dito?**

E veja-se já agora o último verso da mesma estrofe. Em inglês: **O tongue which, countertongued, made the blood bold!** Ambas as traduções são insatisfatórias. Uma por excesso: a **língua-contra-língua** de L. Nogueira. A de Sena no defeito: **O língua que na língua o sangue audaz tornava.**

Um caso infelicíssimo na tradução de Sena é o primeiro verso do poema. Pessoa escreveu: **The rain outside was cold in Adrian's soul.** Sena traduziu: **Era em Adriano fria a chuva fora.** Parece que um tipógrafo maldoso e um revisor distraído se conluiaram para criar este verso inepto e tanto mais estranho quanto, no prefácio, Sena esboçou uma tradução mais certa, ao escrever prosaicamente que **«a chuva lá fora é frio na alma de Adriano...».**

Fiquemos por aqui. O conselho final é que, com ambas as traduções à mão, o leitor construa a sua. Vai ser impossível recriar todas as alterações do poema de Pessoa (**dead and dim, the blood bold...**). Vai ser difícil atingir a concisão do jovem Fernando. Ninguém conseguiu, consegue ou conseguirá. Primeiro, porque o inglês não é o português. Segundo, porque nem todos podemos ser Pessoas. Querer sê-lo, querer sequer imitá-lo é paranóico, é inestético, não é saudável. ■

Bibliografia:
*Fernando Pessoa, **Poemas Ingleses**, Ed. Ática, 1974.*
*Marguerite Yourcenar, **Mémoires d'Adrien**, Plon, 1951.*
*Sophia de Mello Breyner Andresen, **Dual**, Ed. Salamandra, 1986.*
*Fernando Pessoa, **Antínoo**, Fenda, 1988.*

São muitas as caricaturas do poeta, mas poucos os textos satíricos, ou simplesmente bem humorados, a seu respeito. Aqui se fala de uma dessas «raridades»

Contra as 'viúvas' de Pessoa

Joaquim-Francisco Coelho

Objecto — já em vida mas sobretudo depois de morto — de várias e sugestivas caricaturas de artistas plásticos, a rigor não tem sido Fernando Pessoa, por singularidade, parodiado ou satirizado pelos profissionais da palavra escrita. Salvo erro, foi-o excepcionalmente apenas duas vezes, em textos e circunstâncias que com minúcia estudamos algures, e que aqui, por isso mesmo, só carece recordar em suas linhas essenciais, para efeitos de contexto (1). O primeiro caso deu-se na Lisboa de 1925, quando, sob o jocoso apelativo de **cacholetas,** e redigidas pseudonimamente por Mateus da Prata & Julião Farnel, circularam em cafés e livrarias as seguintes quintilhas, impressas num folheto por nome **Cadastro:**

O Fernandinho é Pessoa
Com tantos nomes dispersos,
Que não se encontra em Lisboa
Arrebanhados à tôa
Apelidos tão diversos!

Isto nele é natural
Como a destreza num potro.
Se a obra encarreira mal,
Pensa a gente: É natural!
Se não é dele... é do outro!

A esta que será talvez, ao que pudemos apurar, a primeira referência satírica, em letra de forma, sobre a heteronímia do Grão-Fingidor — e de cujo canhestro primarismo ele terá sorrido com benevolente desprezo —, seguir-se-ia anos mais tarde, agora no plano da alta literatura, o «Sonetilho do Falso Fernando Pessoa», de Carlos Drummond de Andrade, que pelos caminhos de um irónico intertexto parodia em belíssimos hexassílabos a dialéctica pessoana do sentir-pensando e do pensar-sentindo. Por de mais conhecido, escusamo-nos de citar o poema, de resto perfeitamente acessível nas páginas da colectânea em que Drummond o recolheu, **Claro Enigma,** de 1951.

Já não desfruta de idêntica acessibilidade — e por isso merece desde logo mais ampla divulgação — o documento reproduzido abaixo, também soneto na forma, e que por certo possuirá, quando outros não possuísse, o mérito bastante incomum de troçar não de Fernando Pessoa ele mesmo, na vida ou na obra, senão dos cada vez mais numerosos pessoanos que a obra e a vida lhe esquadrinham **ad nauseam.**

O texto ao qual me refiro descobri-o por acaso ao folhear um mensário português do Massachusetts, **A Voz de Fall River**, que o publicou no número 508, de 30 de Novembro de 1985, obviamente no contexto do cinquentenário da morte do poeta. Dando-lhe por data de composição o dia 4 do mês anterior, assina-o Armando Ribeiro Cabrita, de quem a Biblioteca Widener de Harvard, em seu **Catálogo de Autores**, regista apenas uma obra, aliás de carácter não literário: **Notas para uma farmacopéia das Flores** (2). Transcrevemos a peça **ipsis literis**, agregando-lhe os poucos mas pertinentes comentários que em seu conjunto ela requer. Note-se que o têrmo **viúvas** não aparece entre aspas, nem no título nem no corpo do poema.

As viúvas do Pessoa

Neste retiro azul do firmamento/ Sem nada que fazer nem que fingir,/ Descanso da maçada de existir/ À mesa de um café de sonho e vento.

Já não me punge mais o pensamento/ Do que foi, do que é, do que há-de vir./ E a morte fêz-me apático faquir/ Imune aos aguilhões do sentimento.

Minha paz nirvanada, infelizmente,/ Quebra-ma agora, em ritmo crescente,/ Um côro de fiéis que me atordôa.

O drama é que do mal a culpa é minha,/ Pois rezam a bulhenta ladainha/ As onze mil viúvas do Pessoa...

Não se trata, vê-se logo, de obra particularmente notável nem antológica, embora supere a vários títulos as insípidas quintilhas do **Cadastro.** O rimário, por exemplo, mostra-se natural e mais bem cuidado, há muito mais fluência na dicção, e o autor dá-se até ao luxo, no terceto final, de recorrer sem rebuço ao condimento classicizante, repetindo na sua quase totalidade um verso do célebre soneto «Horas breves do meu contentamento», a saber: «Do mal que me ficou a culpa é minha.» As alterações parecem um pouco excessivas, mesmo para um discurso zombeteiro, mas sempre tem lá a sua piada, mediante alusões estético-biográficas facilmente identificáveis, a reconstituição que se procurou fazer de uma certa atmosfera fernandina, inclusive a privilegiada pelo decadentismo do ortónimo — o Pessoa da vida de café e da poética do fingimento, o pensar feito sentir e vice-versa, a nota de orientalismo à «Opiário», com apatias, nirvanas, faquir, etc. Mas, claro está, nada disto conta à luz do que mais se afirma e de facto importa no poema, encarado como um documento de sociologia literária: o protesto do satirista contra a maré montate do que já se pode chamar, subrepticiamente, o **pessoanismo**, emprestando-se ao **ismo** do vocábulo a ressonância negativa que sempre retine em todos os ismos.

De qualquer modo, queiramos ou não, parece evidente que a conclusão não pode ser outra: tudo indica que tende a subir e não a descer, dentro e fora de Portugal e do Brasil, o prestígio actualmente quase místico de Fernando Pessoa, escritor de quem já se disse que morreu virgem como os grandes santos mas a quem o versificador de Fall River, valendo-se da **amplificatio** retórica, atribuiu não obstante um tão vasto e bulhento cortejo de «viúvas»... Acaso em sua macro-estatística já o sonetista incluía, quem sabe a contragosto, o nome do «enviuvado» pessoano que assina esta micro-nota, a qual eleva de pelo menos um grau, **hélas,** a taxa hoje em dia astronómica da bibliografia do pessoanismo... ■

(1) **Microleituras de Álvaro de Campos e outras investigações pessoanas.** Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1987. A matéria a que me reporto aparece nesta obra sob os títulos «Carlos Drummond de Andrade e a génese do 'Sonetilho do Falso Fernando Pessoa'» e «Fernando Pessoa e outros nas **cacholetas** do **Cadastro**» — sendo os **outros,** no caso, escritores e artistas contemporâneos do nosso poeta.

(2) Informou-me Pedro da Silveira, homem da Ilha e do Mundo, que dos Cabritas que ele conheceu nas Flores nenhum emigrou para os Estados Unidos. Mas também acrescentou, com aquela minudência biobibliográfica muito sua, que houve no Pico dos anos 20 um farmacêutico de nomeada, Manuel Ignacio Cabrita, a quem talvez se ligue sanguineamente o sonetista das «viúvas» pessoanas, cuja data de nascimento, segundo o citado catálogo de Harvard, é de 1917, dois anos depois da eclosão do **Orpheu.**

Entre Fialho e Nemésio (2 Vols.)
de Óscar Lopes
Esc. 3600$00

Entre Fialho e Nemésio (2 Vols.)
de Óscar Lopes
Esc. 3600$00

LIVROS DA IMPRENSA NACIONAL
IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA